

35° Congresso Brasileiro de Pesquisas Cafeeiras

CAFEICULTOR: SAIBA COMO CONVIVER COM A BROCA-DO-CAFÉ SEM O INSETICIDA ENDOSULFAN

J.C.Souza- Eng° Agr° D.Sc. EPAMIG/URESMEcoCentro, Bolsista da FAPEMIG. E-mail: ctsm@epamig.ufla.br; P.R.Reis- Eng° Agr° D.Sc., EPAMIG/URESMEcoCentro, Bolsista do CNPq; R.A.Silva- Eng° Agr° D.Sc., EPAMIG/URESMEcoCentro, Bolsista da FAPEMIG; L.P.Souza Química M.Sc. Bolsista da CAPES; F.A.Abreu Bióloga; Bolsista da EPAMIG/CBP&D/Café

A broca-do-café *Hypothenemus hampei* (Coleoptera: Scolytidae) é uma das principais pragas do cafeeiro no Brasil, o sendo também em outros países produtores de café, como a Colômbia, por exemplo. No Brasil, até o início da década de 1970, numa cafeicultura arcaica, as infestações da broca nas lavouras atingiam até 100%. Porém, com a constatação da ferrugem-do-cafeeiro *Hemileia vastatrix* em 1970 no Brasil, especificamente na Bahia, e posteriormente com a disseminação desse fungo para toda a cafeicultura brasileira, o Governo Federal, com o objetivo de controlar a ferrugem-do-cafeeiro, criou um importante plano de renovação para a cafeicultura brasileira, denominado Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafezais-PRRC, através do IBC/GERCA. Com muito trabalho e com o apoio da pesquisa cafeeira, a cafeicultura brasileira mudou para melhor. Hoje, é a melhor cafeicultura do mundo, orgulho para todos os brasileiros.

Com a implantação do Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafezais, no início da década de 1970, com maiores espaçamentos visando a mecanização no controle da ferrugem, as infestações da broca decresceram, pelo maior arejamento das lavouras. Esse maior arejamento favoreceu as infestações do bicho-mineiro, atualmente a principal praga do cafeeiro no Brasil, com controle definido pela pesquisa e em uso pelos cafeicultores.

Assim, atualmente no Brasil, a broca é uma praga importante, porém, não limitante para a cafeicultura brasileira, já que quando ocorre nas lavouras de café, o faz somente em alguns talhões, e não generalizadamente, limitando-se o seu controle químico somente neles, como resultado do seu monitoramento, e não em toda a lavoura. Ainda, lavouras novas não são atacadas pela broca devido a sua ausência nessas condições, só o sendo, em nível de talhões, mais tarde, quando adultas, vinda provavelmente de outras lavouras, já que o café é o único hospedeiro da broca. A maior preocupação com essa praga deve existir em lavouras irrigadas, por aspersão (pivô tipos lepa e reto) e gotejamento, já que a maior umidade nos frutos na entressafra, que não foram colhidos, no cafeeiro e no chão, favorece sua sobrevivência e multiplicação, ao contrário do que acontece na quase totalidade das lavouras brasileiras, com entressafra sem chuvas, portanto, com frutos remanescentes secos e desfavoráveis à sua sobrevivência e multiplicação. Outra preocupação é com lavouras adensadas, que inviabiliza o controle químico. Nessas condições o controle cultural através de uma colheita bem feita é o recomendado, como em muitas lavouras adensadas na cafeicultura do estado do Paraná.

Com relação ao controle da broca, medidas culturais como o repasse e outras são inviáveis de serem colocadas em prática, pelo preço da mão-de-obra e dos baixos preços do café atualmente no mercado. Ainda, o controle biológico com o fungo *Beauveria bassiana* é ineficiente nas condições do Brasil, e a utilização de armadilhas nas lavouras para capturar adultos da broca, com alcoóis e extrato de café, só são eficientes para monitorar essa praga. Assim, o controle mais eficiente e racional da broca é o químico, através da aplicação do inseticida endosulfan 350 CE (2,0 L p.c./ha) nos talhões das lavouras adultas que atingirem o nível de controle (≥ 3% de frutos broqueados), numa única pulverização (pulverizadores tratorizados ou atomizador costal motorizado) e duas pulverizações (pulverizador costal manual), em sua “época de trânsito”, ocasião em que adultos fêmeas da

broca perfuram frutos verdes “chumbos” e “chumbões” da nova safra, sem neles ovipositar, por apresentarem 85% de umidade, inclusive sem sementes consistentes, que são o alimento para as suas larvas. Assim, a pulverização com endosulfan visa matar fêmeas da broca presentes na entrada da galeria de frutos broqueados, por contato, antes que coloquem ovos.

Como as autoridades brasileiras do setor (Anvisa, Ministério da Saúde, MAPA e IBAMA) pretendem banir do mercado brasileiro o endosulfan, nas culturas do cacau, soja, algodão e café, por uma série de fatores, inclusive sua alta toxicidade ao homem, uma das maneiras para conviver com a broca seria monitorá-la em todos os talhões das lavouras adultas, buscando-se aplicar inseticida somente naqueles talhões onde a broca atingir o nível da infestação para controle. A EPAMIG testa anualmente moléculas inseticidas visando conhecer sua eficiência no controle da broca-do-café. De todas as moléculas testadas, os inseticidas fipronil, do grupo químico dos pirozóis, e chlorantraniliprole, do grupo das diamidas antranílicas, ambos de toxicidade menor do que a do endosulfan, foram muito eficientes no controle da broca, também em pulverização, sendo superiores ao endosulfan, além de apresentarem menor toxicidade em relação a esse inseticida padrão. As demais moléculas testadas, não apresentaram controle eficiente da broca.

Assim, para a cafeicultura brasileira, em curtíssimo prazo, o ideal é permitir a utilização do inseticida endosulfan, no controle da broca, por mais uma safra de café (2009/2010), com base em monitoramento, obrigatório nas lavouras, com início já em dezembro, na “época de trânsito” dessa praga, três meses após a grande florada, e autorizar o uso emergencial dos inseticidas fipronil e/ou chlorantraniliprole a partir da safra 2010/2011, também com o seu monitoramento, até que saia o registro definitivo dos mesmos.